

## REFLEXOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NAS REDAÇÕES DO VESTIBULAR: CONSIDERAÇÕES PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

### REFLEXES OF BASIC EDUCATION IN UNIVERSITY ENTRANCE EXAMS: CONSIDERATIONS FOR TEACHER EDUCATION

Lucio Correa Carvalho\*

Edilaine Buin\*\*

**RESUMO:** Este artigo é resultado de um trabalho que investiga a relação entre os textos dos aprovados em Letras com a proposta de redação do vestibular 2014 da Universidade Federal da Grande Dourados, composta pelo tema e por fragmentos de textos motivacionais. Valemo-nos da concepção de linguagem dialógica de Bakhtin (2014 [1929]), da heterogeneidade constitutiva da escrita de Corrêa (2004) e das práticas de letramento de Street (2006), para propor quatro categorias de análise de dados (*colcha de retalhos, transcrição reflexiva, reflexão crítica e acréscimo de novos elementos*). Os dados analisados qualitativamente são reveladores de uma rede dialógica entre escreventes e suas práticas sociais, indicando que modelos escolares de “boa escrita” mediados por experiências de tradição extraescolar resultam em posicionamentos críticos. Ao conhecer melhor o estudante ingresso na Licenciatura, os indícios deixados na escrita fornecem subsídios para que os formadores (re)planejem o próprio modo de conduzir a produção de gêneros acadêmicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogismo. Ensino de Escrita. Formação de Professores.

**ABSTRACT:** This text is a research’s paper’s result which investigates the dialogue among the texts of the approved in the Language and Literature graduation course concerning the composition’s theme and motivational texts, present in the proposal. We use Bakhtin’s (2014) dialogic language’s concept, Correa’s (2014) constitutive heterogeneity of writing, and Street’s (2006) literacy practices to propose four categories for data

---

\* Graduado em letras na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); professor de Língua Portuguesa da Escola Municipal Cel. Firmino Vieira de Matos, em Dourados-MS. E-mail: [luciocorvalho4@gmail.com](mailto:luciocorvalho4@gmail.com).

\*\* Professora da UFGD. Bolsista Produtividade do CNPq nível 2. Vice líder do Grupo de Estudos em Linguagem e Transculturalidade (GELT)/CNPq. Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade de Campinas (UNICAMP). E-mail: [edilainebuin@gmail.com](mailto:edilainebuin@gmail.com).

analysis, which we call patchwork quilt, reflexive transcription, critical reflection and new elements' addition. The qualitatively analyzed data, representative of each of these categories, reveals a wide dialogic network between writers and their social and literacy practices, indicating that "good writing" school models mediated by extra-school tradition experiences result critical positions. By better understanding the student entering the undergraduate degree, the clues left in writing provide insights for professor to (re)plan their own way of conducting the academic genres' productions.

**KEYWORDS:** Dialogism. Written Teaching. Teacher training.

### **PALAVRAS INICIAIS: POSICIONANDO-SE DIANTE DO ESPELHO**

O presente artigo mostra como os candidatos aprovados no curso de Licenciatura em Letras na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), localizada no interior do Mato Grosso do Sul, mobilizam os textos oferecidos na proposta de redação<sup>1</sup> para desenvolver o artigo de opinião proposto. Cabe lembrar, como se detalhará mais a frente, que a proposta é formada pelo tema e um conjunto de fragmentos de textos com diferentes posicionamentos e/ou comentários em torno do tema. Do diálogo mais estrito, entre o que é posto na coletânea e o texto do candidato, foi possível chegar a uma cadeia dialógica mais ampla: observamos que o desempenho argumentativo dos candidatos na prova associa-se, não só com os textos da proposta e seus desdobramentos, mas também com práticas sociais diversas.

O diagnóstico possibilita elaborar com maior objetividade o perfil do público que ingressa na Licenciatura em Letras. O que, conseqüentemente, propiciará uma reflexão que leve a ações acadêmicas que desloquem o texto do professor em formação para além do nível parafrástico, no qual se encontra a maioria dos candidatos aprovados, o que pode ser identificado pela leitura da amostra de textos.

Situando-se no campo aplicado dos estudos linguísticos, a análise parte de um problema vivenciado nos cursos de Licenciatura em geral, conforme depoimento de docentes universitários com os quais interagimos: a baixa qualidade da escrita de parte considerável dos estudantes, professores em formação. As avaliações, que, em geral, levam a uma classificação binária dos estudantes - "os que sabem escrever" e "os que não sabem", são baseadas em padrões de escrita de comunidades privilegiadas sócio economicamente, realidade distante do público alvo. Os textos que serão apresentados foram selecionados qualitativamente e são

---

<sup>1</sup> Empregamos o termo "redação", porque comumente a prova do vestibular é assim chamada. Como estamos analisando esta situação, usamos este termo e não *artigo de opinião*, gênero solicitado na proposta de escrita. Ressalta-se que poucos candidatos chegam a apresentar um artigo de opinião. A dissertação escolar e comentários sobre o tema (não necessariamente com estrutura argumentativa) é o que mais aparece.

representativos de um conjunto de produções, organizadas em uma quantificação prévia, conforme será mostrado.

Partimos de uma concepção dialógica de linguagem, no sentido bakhtiniano do termo. Ou seja, trata-se de um processo de interlocução entre sujeitos sociais, histórico e ideologicamente situados. Tanto a modalidade falada quanto a modalidade escrita da linguagem são heterogeneamente construídas. Para Corrêa (2004), a escrita consolida-se do “encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido”.

As práticas sociais, no ato da enunciação, revelam-se a partir da “circulação dialógica do escrevente e a imagem que o escrevente faz da escrita, tomada como parte de um imaginário socialmente partilhado”. Cabe ressaltar que o conceito de “imaginário” distancia-se do sentido lexical, que o concebe como “irreal” ou “fictício”, para se aproximar do significado de representação, mais especificamente, a representação social da escrita revelada pelas práticas sociais. A concretização linguística desse imaginário se dá nas relações sujeito/linguagem no interior das práticas sociais às quais a escrita se encontra inserida.

Corrêa (2004) postula que há três eixos de circulação do escrevente revelados na escrita:

- (a) o escrevente e a representação da gênese da escrita, momentos em que há estabelecimento de equivalência entre o oral e o escrito;
- (b) o escrevente e a representação do código escrito institucionalizado, modo como a escrita é encarada tendo em vista um leitor presumido; e
- (c) o escrevente e a dialogia com o já falado/escrito, referente aos diferentes textos (orais e escritos) com os quais tem contato.

Os eixos postulados não apenas demonstram pontos “privilegiados de observação”, mas revelam as práticas sociais das quais o escrevente faz parte. Nesse sentido, há outra ponderação importante a fazer que corrobora com a pesquisa e também com os postulados de Corrêa (2004.): a visão de letramento enquanto prática social e não como algo único, singular, estabelecido (STREET, 2006). Quando adotamos a primeira perspectiva, rejeitamos a concepção de um modelo autônomo de letramento, que vê a alfabetização e a escolarização como lugar único e privilegiado das práticas que envolvem a escrita, e adotamos o modelo ideológico, que considera tantas outras práticas para além dessas, posicionando a escrita e sua aquisição dentro das dimensões sociais e históricas que constituem uma cultura e, por conseguinte, suas práticas sociais.

Para chegar aos dados representativos de como os candidatos aprovados mobilizaram os textos de base para desenvolver o tema da prova escrita, tomamos por parâmetro a quantificação dos dados: 81 textos que compõem o *corpus* da pesquisa foram organizados em quatro diferentes categorias, as quais nomeamos de a) *colcha de retalhos*, b) *transcrição reflexiva*, c) *reflexão crítica* e d) *acréscimo de novos elementos*. A partir dessa quantificação, o foco foi selecionar

qualitativamente dados representativos de cada categoria. Esta sistematização foi o primeiro passo para a identificação de como os textos de base se materializam na produção textual dos aprovados na Licenciatura em Letras.

O artigo encontra-se organizado em três partes. A primeira ressalta a importância da produção textual no ensino, e como as redações de vestibular refletem a imagem desse ensino na educação básica, expondo a metodologia aplicada para obtenção dos resultados. Em seguida, apresenta a proposta de redação e seus desdobramentos e, finalmente, a análise dos dados.

### **EMOLDURANDO IMAGENS: O PERCURSO METODOLÓGICO E A PROPOSTA DO VESTIBULAR**

A prova de redação pode ser considerada um importante referencial para a avaliação de como está o desenvolvimento da modalidade escrita da linguagem no ensino básico. Apesar das questões objetivas que sempre apontam uma alternativa correta entre as possibilidades de resposta e que compõem os certames de acesso às principais universidades do país, é na prova de redação que se manifestam sujeitos e discursos e, por consequência, pode funcionar como um termômetro da maturidade crítico-reflexiva no corpo discente. Na redação do vestibular, diferentemente de outras atividades escolares que envolvem escrita e leitura, não há *jeitinhos, chutes*: a escrita reflete o resultado das interações entre o escrevente com o tema e os textos de apoio para construção de um enunciado argumentativo voltado para um interlocutor imaginário específico. De modo mais profundo, reflete a circulação do estudante por práticas sociais escolares ou extraescolares.

Foram lidas e analisadas 81 redações (o que corresponde ao número total de candidatos aprovados) à procura de alguma característica que revelasse diferenças entre os vários locutores e a forma como interagem com a proposta e os textos de apoio. Inicialmente, a impressão era de se deparar sempre com os mesmos dizeres. Essa suposta homogeneidade discursiva poderia estar relacionada com o fato do curso de Letras da UFGD ser de pouca concorrência e que, portanto, exigiria menos preparo para a prova quando comparado a um curso mais concorrido.

Munida por essa hipótese, a pesquisa teve sequência com a leitura e análise de 40 redações apresentadas pelos candidatos aprovados para o curso de Medicina<sup>2</sup>. O contraste das respostas apresentadas nos diferentes cursos ampliou o horizonte de possibilidades de desenvolvimento da proposta de redação, contribuindo para a (re)análise das provas de Letras.

Foi possível, então, visualizar indícios de reflexão crítica em alguns textos produzidos. É importante reiterar que a criticidade percebida nessas produções textuais não atinge, em

<sup>2</sup> De acordo com o sítio oficial da UFGD, o curso de Letras apresentou concorrência de 3,57 candidatos por vaga. O curso de Medicina apresentou a maior relação candidatos por vaga: 103,75. Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/vestibular/2014/concorrencencia>, acesso em 11 set. 2017. Importa ressaltar que o curso de Letras é considerado de baixa concorrência, mas há outros de concorrência bem inferior.

geral, os mesmos patamares dos aprovados em Medicina. No entanto, esse ponto de vista mais abrangente foi primordial para o estabelecimento de uma proposta de categorização que aponta para 4 níveis de produções textuais, conforme apontados na seção anterior: a) *colcha de retalhos*; b) *transcrição reflexiva*; c) *reflexão crítica*; d) *acréscimo de novos elementos*<sup>3</sup>.

O passo seguinte da pesquisa foi orientado pela quantificação das ocorrências específicas do curso de Letras. Os textos passaram por nova etapa de leitura para o agrupamento das ocorrências. Nesse ponto, é importante ressaltar que não há o que poderíamos chamar de “pureza classificatória”, uma vez que é possível identificar traços de diferentes categorias em um mesmo texto. Essa etapa foi especialmente desafiadora, já que a classificação dos textos precisava obedecer a critérios objetivos para chegar a uma organização. A solução encontrada foi o enquadramento de acordo com os traços predominantes no texto: um argumento crítico pode, eventualmente, se valer da paráfrase de determinado trecho do texto-base para refletir sobre ele e, obviamente, por essa razão, não está enquadrado na categoria diretamente inferior. É justamente a prevalência de elementos que remeterá o texto a uma ou outra classificação para, posteriormente, proceder-se à análise qualitativa-interpretativista dos dados representativos de cada categoria. Antes de discorrer sobre elas, faz-se necessário conhecer a proposta de redação e os fragmentos textuais de apoio que fazem parte desse trabalho.

Similarmente ao que acontece nos vestibulares das principais universidades do país, a aplicação da prova de redação da UFGD veio acompanhada de um impresso que continha as orientações para execução da atividade, o tema de redação, a contextualização para a produção textual e fragmentos de apoio, elementos apresentados a seguir.

Os candidatos às vagas oferecidas no Processo Seletivo Vestibular 2014 (PSV-14) conectaram-se ao tema por meio do seguinte texto:

Humor, riso, alegria, felicidade. Muito se ouve falar ou se lê a respeito dos prazeres de uma boa piada, de um conto engraçado, na companhia de uma pessoa espirituosa. Numa rápida pesquisa pela Internet, encontram-se inúmeros sítios que trazem diversas teorias sobre o humor e o riso, tentando explicar o que são, quais suas funções na sociedade, quais suas implicações na saúde das pessoas, e assim por diante. Psicanalistas, historiadores, sociólogos e linguistas já se debruçaram sobre o tema. Há os que, inclusive, consideram o humor e o riso um mistério. No teatro, no cinema, na política, na televisão... O humor e o riso são, aparentemente, onipresentes. Quem não se lembra de *O Nome da Rosa*, livro do escritor italiano Umberto Eco, cuja trama gira em torno de um suposto e desaparecido livro de Aristóteles, no qual, ao tratar da comédia, o filósofo grego teria feito uma apologia ao riso? Por essas e outras razões,

<sup>3</sup> Um conjunto de textos não se enquadra nas categorias. Esse pequeno, porém significativo número de candidatos (3,7%), sequer enquadra o texto dentro de um modelo estável, perceptível. São apanhados de ideias topicalizadas, cíclicas e desconexas, mais próximas de uma espécie organização de elementos pré-textuais.

não há como não considerar o humor e o riso peças importantes nos enlances sociais (UFGD – PSV-14, Caderno de redação 2014, p. 1).

A proposta definia, também, a moldura na qual a produção textual revelaria sua imagem: uma edição especial da revista *Premissas*, da UFGD, sobre a sociedade. O candidato é convidado ao posicionamento como articulista da referida publicação, cujo público-leitor pertence, predominantemente, às classes A e B<sup>4</sup>. O tema “O humor e o riso na sociedade brasileira” deveria ser problematizado à luz de uma reflexão sobre os limites do humor. A extensão do artigo de opinião foi demarcada entre 20 e 30 linhas.

O tema era seguido por uma coletânea de cinco trechos de textos provenientes de diferentes mídias, relacionados ao tema central e apresentando diferentes visões sobre o mesmo conteúdo. A coletânea, pode-se supor, expõe diferentes espaços de circulação do(s) elaborador(es) da prova de redação, que representam a instituição para a qual os candidatos escrevem.

O fragmento 1 foi retirado da enciclopédia eletrônica *Wikipedia*:

O humor é um estado de ânimo cuja intensidade representa o grau de disposição e de bem-estar psicológico e emocional de um indivíduo (HUMOR. In: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Humor>. Acesso em: 20 out. 2013).

O fragmento 2 refere-se a obra do filósofo francês Henri Bergson:

O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade. Talvez não mais se chorasse numa sociedade em que só houvesse puras inteligências, mas provavelmente se risse; por outro lado, almas invariavelmente sensíveis, afinadas em unísono com a vida, numa sociedade onde tudo se estendesse em ressonância afetiva, nem reconheceriam nem compreenderiam o riso. Tente o leitor, por um momento, interessar-se por tudo o que se diz e se faz, agindo, imaginariamente, com os que agem, sentindo com os que sentem, expandindo ao máximo a solidariedade: verá, como por

---

<sup>4</sup>De acordo com o questionário socioeconômico da UFGD (2014), parte considerável dos concorrentes ao curso de Letras pertence às classes C e D. A maioria estudou em escolas públicas. Como pode, nesse contexto, um indivíduo pertencente a essa realidade ser capaz de produzir com proficiência um artigo de opinião a um público-leitor com o qual tem pouca familiaridade? Em muitos casos, esse público é particularmente idealizado mediante práticas sociais que incluem personagens fictícios de televisão (em especial as telenovelas que tendem a apresentar personagens de classes mais ricas), contato direto com membros hierarquicamente superiores em práticas sociais de trabalho, etc. Vamos avançar um pouco mais: em primeira análise, a realidade vivida pelos aprovados ao ingresso em Medicina é antagônica, visto que a maioria estudou em escolas particulares e são egressos das classes A e B. Isso nos leva a refletir até que ponto esses números não convergem para a conclusão de que outros candidatos, pertencentes a classes sociais mais baixas, largaram em evidente desvantagem pela necessidade de construir um texto para um leitor presumido mais distante da sua própria realidade.

um passe de mágica, os objetos mais leves adquirirem peso, e tudo o mais assumir uma coloração austera. Agora, imagine-se afastado, assistindo à vida como espectador neutro: muitos dramas se converterão em comédia. (BERGSON, H. O riso. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001. P. 3-4).

O fragmento 3 contém os escritos do historiador francês George Minois:

O riso tem um poder revolucionário. Melhor: é um verdadeiro demiurgo, uma potência criativa capaz de ressuscitar os mortos [...]. É o riso de alívio que arruína os esforços terroristas da pastoral oficial; é a divina surpresa, o relaxamento brutal da tensão, no qual os analistas veem uma das principais fontes do riso. Ele exorciza o medo, sem negar a existência do inferno. Teologicamente, poder-se-ia dizer que esse castigo por inversão não é pequeno. Mas o que o torna imperdoável é que ele é apresentado pelo riso. É em torno do riso que a divisão e o confronto se efetuam. [...] O riso aparece como uma arma suprema para superar o medo. Quem ri do inferno pode rir de tudo. O riso – eis o inimigo – para aqueles que levam tudo à “sério”. (MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 275).

Millôr Fernandes, cronista e humorista muito conhecido popularmente, é o autor do texto recortado no próximo fragmento:

Quando Carlyle afirmou que o ‘o homem é o único animal que ri’ não fazia com isso uma mera constatação biológica. Biologicamente a hiena também ri. Fazia uma constatação psicológica e social. Seu erro era apenas admitir o riso como uma qualidade humana, quando é um defeito. O homem, da maneira por que vive, não tem do que rir. Por isso, à frase de Carlyle deve-se acrescentar: “E é rindo que ele mostra o animal que é”. (FERNANDES, Millôr. O livro vermelho dos pensamentos de Millôr. 2ª ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2005. p. 132).

O fragmento 5 é extraído do texto do Linguista Sírio Possenti:

[...] Pessoalmente, aceito que o humor pode ultrapassar certos limites (é um tipo particular de ficção). Não sei se deve haver algum tipo de controle. Se houver, prefiro que não venha do estado. [...] Humor pode ser grosseiro? Acho que pode. Mas tem que ser humor. (POSSENTI, Sírio. O Temporal. In: Terra Magazine. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/blogdosirio/blog/2011/10/06/o-tempora/>. Acesso em: 20 out. 2013).

Como se observa, os cinco fragmentos compilam diferentes espaços de circulação do tema proposto. Emolduradas as imagens, a partir de escolhas metodológicas, passaremos a focar seus reflexos, considerando as diferentes perspectivas possíveis. A dialogia estabelecida entre os textos oferecidos pela instituição e o repertório pessoal de cada escrevente possibilitou o estabelecimento das categorias que passam a ser apresentadas na seção seguinte.

### **ESPELHO, ESPELHO MEU...**

Nesta seção, primeiramente são expostas impressões gerais detectadas nas redações. Em seguida, são apresentados os resultados da análise quantitativa e, por fim, os resultados da análise qualitativa.

Do ponto de vista estrutural, percebe-se que muitos dos escreventes não chegam a utilizar o total de 30 linhas permitido pela prova, limitando-se a concluir o texto entre 20 e 25 linhas (29 ocorrências, 35,8%). Além disso, há utilização de letra de tamanho maior no intuito de atingir rapidamente a marca mínima para a produção. Em alguns textos, essa preocupação é tão evidente que o autor escreve apenas na parte central da folha de redação, ficando longe das margens horizontais (22 ocorrências, 27,1%).

Há forte apelo para clichês. A frase “rir é o melhor remédio” foi encontrada em 11 textos (13,5%), sendo utilizada também como título. Argumentos baseados em senso comum como a afirmação de que “o brasileiro é um povo feliz”, que “os bem-humorados são alegres e mal-humorados, amargurados” são frequentes. É igualmente comum o emprego de lições de moral, ou frases motivadoras nas conclusões.

Muitas redações apresentam argumentos repetitivos para reiterar uma posição, o que, possivelmente, é indício de que o próprio escrevente não está convencido de suas hipóteses. Encontra-se facilmente traços de oralidade ou de palavras utilizadas nas redes sociais, como “*haters*”, “*posts*”, etc., os quais constituem a heterogeneidade da escrita, conforme Corrêa (2004). Pouca intertextualidade.

Ainda em uma visão geral, em 14 textos (17,3%), o tema da prova de redação, “o humor e o riso na sociedade brasileira”, foi colocado como título. A TV é vista como a principal fonte disseminadora de humor. Cinema, rádio e redes sociais vêm na sequência. Não há referências ao humor na literatura. Os comandos para realização da atividade não parecem devidamente compreendidos, de modo que poucos se colocam como articulistas da revista *Premissas* e/ou entendem o papel da problematização como fio condutor da temática.

A tabela a seguir demonstra, quantitativamente, o modo como os textos foram agrupados, de acordo com a interação entre os escreventes e a prova de redação:

**Tabela 1 - Análise quantitativa das redações de Letras – UFGD/2014.**

<b>Estilo</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
“Pré-textos”	3	3,7
Colcha de retalhos	5	6,2
Transcrição reflexiva	64	79,0
Reflexão crítica	7	8,6
Acréscimo de novos elementos	2	2,5
Total	81	100

Importante lembrar, como apontado anteriormente, é possível identificar traços de diferentes categorias em um mesmo texto, por isso os textos foram organizados de acordo com os traços predominantes. A classificação como “pré-textos” não será considerada nas análises deste trabalho<sup>5</sup>. Tais escritos parecem um conjunto de palavras desconectadas, uma espécie de escrita “telegráfica”, na qual nos faltam elementos para realizar as conexões pretendidas/elaboradas pelo escrevente. As quatro categorias em que há marcas dialógicas são apresentadas a seguir.

a. *Colcha de retalhos*

Na categoria *colcha de retalhos* foram enquadrados os textos cujos escreventes demonstraram dificuldades para interagir com os fragmentos oferecidos para reflexão acerca do tema proposto ou buscaram conforto nas facilidades de práticas sociais escolarizadas (do ponto de vista negativo dessa acepção) baseadas em extrair do texto as respostas prontas. Do universo de textos, 5 (6,2% das ocorrências) estão dentro dessa categoria. São cópias de trechos sob a aparência de argumentos próprios.

Humor e o riso, um misterio na sociedade brasileira

No contexto os limites do humor, passa a ser possivelmente os fragmentos de grande importância na sociedade Brasileira, pois, seu maior inimigo é a emoção. O riso tem poder revolucionário, capaz de ressucitar os mortos, pois, em qualquer momento se torna uma arma suprema para superar os obstáculos.

<sup>5</sup> Encerradas as atividades de categorização e quantificação, alguns textos em particular ainda provocam inquietação dada a natureza da sua constituição. Tratam-se de enunciados com marcas de oralidade em quantidade e extensão mais evidentes que os demais, inusitadamente repetitivos, esquemáticos, escritos de maneira livre e sem apoio das margens que limitam a folha de redação. Quem escreveu parece ter usado uma única palavra tentando representar um conjunto de ideias. O resultado é um texto desprovido do caráter organizacional e estrutural inerentes ao gênero. Como se pode observar na tabela, três redações (3,7% das ocorrências) estão enquadradas nessa classificação. A singularidade evidenciada nesses textos será objeto de estudo detalhado em artigo futuro, de modo que não nos preocuparemos em sua abordagem neste trabalho.

Isso não significa que podemos deixar a humildade de lado, pois, o homem, da maneira por que vive, não tem do que rir, isso não significa negar, mas sim, expandindo ao máximo solidariedade. Digo, por outro lado há almas sensíveis numa sociedade, onde não conheceriam nem compreenderiam o riso. O humor e o riso são peças importantes nos enlaces sociais, e passam a ser um mistério para a sociedade, pois, do ponto de vista dos historiadores como Aristóteles, dos Psicanalistas e sociólogos no geral, os objetos mais leves, adquirem peso, pois, um ser humano não conseguiria imaginar-se afastado, assistindo à vida como espectador ausente.

Eis, portanto, por essas e outras razões o humor, riso, alegria e a felicidade pode ultrapassar certos limites na sociedade, e para isso deve haver algum tipo de controle, e se houver que não venha do Estado, pois, não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, talvez se houvesse puras inteligências, não mais se chorasse numa sociedade, mas provavelmente se risse a respeito dos prazeres de uma boa piada, de um conto engraçado, tentando explicar suas funções de limite na sociedade Brasileira [SIC]. (REDAÇÃO LETRAS Nº 75).

O texto foi escrito em 22 linhas, já considerando uma em branco entre o título e a introdução. É um apanhado de ideias costuradas. O título é uma alusão à proposta de redação que já considera o “humor e o riso, um mistério”, o autor apenas acrescenta “na sociedade Brasileira” para atender ao comando dado na proposta de redação.

No primeiro parágrafo, novas apropriações. Ao afirmar que o “maior inimigo (do riso) é a emoção”, o escrevente retoma o início do Fragmento 2, iniciado, justamente, com essa afirmação. Ainda no mesmo parágrafo, ele destaca o “poder revolucionário” do riso e sua “capacidade de ressuscitar os mortos”, assim mencionados no Fragmento 3. Adiante, indica que o riso se torna “uma arma suprema para superar”, presente no Fragmento 3, embora substitua “medo” por “obstáculos”.

No começo do segundo parágrafo, ele plagia a expressão “o homem, da maneira por que vive, não tem do que rir”, mencionada no Fragmento 4. Depois, volta ao Fragmento 2 e toma a expressão “expandindo ao máximo solidariedade”. Em seguida, utiliza “almas sensíveis” e “onde não conheceriam nem compreenderiam o riso”, retorna ao texto de apresentação do tema de redação e empresta a expressão “O humor e o riso são peças importantes nos enlaces sociais”, e, no mesmo parágrafo, apropria-se de “mistério”, “Aristóteles”, “Psicanalistas” “Sociólogos” e costura tudo com uma frase do Fragmento 2 para dar sentido a “passam a ser um mistério para a sociedade, pois, do ponto de vista dos historiadores como Aristóteles, dos Psicanalistas e sociólogos no geral, os objetos mais leves, adquirem peso”. Logo em seguida, recupera outra expressão do Fragmento 2 e a reorganiza para dizer que “um ser humano não

conseguiria imaginar-se afastado, assistindo à vida como espectador ausente”, substituindo a palavra “neutro” do texto original.

O escrevente começa o terceiro parágrafo com a mesma frase da apresentação do tema de redação e a emenda com um trecho do Fragmento 2: “o humor, riso, alegria e a felicidade pode ultrapassar certos limites na sociedade”. A apropriação seguinte é outra costura envolvendo os retalhos “deve haver algum tipo de controle” e “Se houver, que não venha do estado” do Fragmento 5. Por fim, o trecho “se possa rir de alguém que nos inspire piedade” está presente no Fragmento 2, assim como “só houvesse puras inteligências”, “não mais se chorasse numa sociedade”, “mas provavelmente se risse” – aqui apenas uma inversão de orações – e “a respeito dos prazeres de uma boa piada, de um conto engraçado”, presente no texto de apresentação da redação.

Dos 81 textos analisados, esse é o que melhor reúne as características para expressar uma forma curiosa de escrita. O diálogo entre escrevente e a coletânea da proposta se dá no interior de práticas escolares centradas no “cumprimento de tarefas”, de “pesca de informações” contidas de forma explícita no texto. A provável/possível replicação de trechos independentes costurados uns aos outros como uma “colcha de retalhos” é feita sem reflexão. Como vemos em Corrêa (2004), essa postura adotada pelo escrevente remete a práticas sociais altamente escolarizadas.

O dado traz, possivelmente, uma vivência que permeou a vida escolar do escrevente. Existe um saber diferente daquele que a prova prevê avaliar: colar os trechos e juntá-los com coesão. A escola é o lugar onde se aprende a dominar certos recursos coesivos que possibilitam a “costura”. Por não se arriscar com as próprias palavras, o texto apresenta poucos desvios na norma padrão.

Percebemos a circulação do escrevente pelas práticas sociais escolares que reservam o rótulo de “bom aluno” para aquele que cumpre suas funções, realiza as atividades determinadas pela escola. Isso vai ao encontro do segundo eixo de circulação do escrevente, conforme postulado por Corrêa (2004): o escrevente e a representação do código escrito institucionalizado, modo como a escrita é encarada tendo em vista um leitor presumido.

Por estar conectado com a situação social mais imediata, o candidato espera, possivelmente, que os supostos corretores (os leitores presumidos), representantes da voz da universidade, avaliem-no replicando o vivenciado na escola. A escolha por organizar o texto da forma como está é impulsionada pelas relações sociais. Nas palavras de Bakhtin,

[...] a própria realização deste signo social (a palavra) na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais. A individualização estilística da enunciação [...] constitui justamente este reflexo da inter-relação social, em cujo contexto se constrói uma determinada enunciação. A situação social mais imediata e o meio social mais amplo

determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação (BAKHTIN, 2014, p. 117).

b. *Transcrição reflexiva*

Na categoria transcrição reflexiva estão as produções que estabelecem diálogo com os textos-base oferecidos, ainda que apenas superficialmente. Há indícios de que os escreventes conseguem compreendê-los, de modo a reconstruir a mesma ideia com as próprias palavras. Todavia, não atingem caráter crítico, permanecendo restritos à compreensão textual. A maioria dos textos observados (66 ou 81,4% das ocorrências) está dentro dessa categoria.

Abaixo, um desses exemplos:

A sociedade usa do humor para se satisfazer emocionalmente, através dele pessoas controlam, manipulam ou escondem suas verdadeiras emoções. O homem poder rir não significa que quando estiver rindo estará de fato feliz psicologicamente e socialmente.

Embora seja constatado que o riso cause relaxamento e faça com que a mente esqueça temporariamente de algo ruim, uma vez que se pode enganar ela ao ver, ouvir ou pensar em algo engraçado, fazendo assim uma certa fuga para se ter um conforto emocional maior.

O controle do humor não é algo benéfico, por ser algo tão singular, o que considerar agradável, para outro pode ser algo inaceitável. Longe de uma lei restringindo o que pode ou não ser uma boa piada, o uso do bom senso é muito viável para tal situação.

Portanto, aceitando a grande importância [SIC] do humor dentro da sociedade, pensando nele como algo individual psicologicamente, não se deve impor limites, além disso uma piada desenvolve além de prazeres à mente, um senso crítico de tudo que acontece, sendo um ótimo meio de interação. (REDAÇÃO LETRAS Nº 10).

A redação nº 10 não tem título, embora a primeira linha tenha sido deixada em branco. Somada a esta, totalizou 25 linhas distribuídas em 4 parágrafos. O escrevente utilizou o espaço para a escrita de margem a margem. Estruturalmente, chama a atenção a forma do texto: os parágrafos têm quase o mesmo tamanho, sendo que apenas o primeiro foi produzido em 5 linhas; os três seguintes foram escritos em 6 linhas cada. Essa montagem, assim como ocorreu no texto analisado anteriormente, remete-nos diretamente à circulação do escrevente pelo código institucionalizado da escrita, segundo eixo de circulação do escrevente postulado por Corrêa (2004). Nas práticas sociais escolares, o estudante deparou-se com esse tipo de saber, encaixado perfeitamente com o tipo textual dissertativo. Outra evidência que aponta nessa direção é o uso da conjunção “portanto” na abertura do parágrafo final e que conduz à conclusão.

Ao construir o primeiro parágrafo, o candidato evidencia um diálogo com o Fragmento 1, que é o conceito enciclopédico de humor, mas reconstruído semanticamente em conjunto com o que está oferecido no fragmento 4, em que Millôr Fernandes, retomando Carlyle, assume que o ser humano ri mesmo que não haja motivo para isso. Essa reconstrução demonstra que o autor conseguiu compreender, ainda que parcialmente, o sentido original dos fragmentos. Todavia, a reflexão para por aí e ele inicia um novo parágrafo.

Há tentativa de construção crítica ao tentar solidificar o argumento de que o riso auxilia numa “fuga para se ter um conforto emocional maior” (linha 8). O embasamento para esse argumento é encontrado no Fragmento 3, em que o riso pode provocar “o relaxamento brutal da tensão”. Essa afirmação já “constatada”, segundo o autor, é válida, mas do ponto de vista argumentativo deixa a nítida sensação de algo incompleto.

No terceiro parágrafo, o candidato dirige-se à problematização proposta pela prova de redação. Para responder à questão, abandona os argumentos desenvolvidos nos parágrafos anteriores. Para compensar, retoma o Fragmento 5 e, compreendendo o papel do Estado como criador, executor e sentenciador de leis, posiciona-se contrário à criação de normas que ponderem sobre a produção humorística. Nas práticas sociais escolares às quais pode ter sido submetido parece claro para o candidato que o texto solicitado no vestibular exige um posicionamento crítico.

Na conclusão, o escrevente parafraseia claramente os períodos finais da proposta de redação que tratam da importância do humor e do riso nos enlaces sociais e trança essa reconstrução discursiva com o conceito de humor apresentado no Fragmento 1, inclusive no que diz respeito à individualidade psicológica. São esses dois trechos que estarão aparentes na frase final, pois ele compreendeu que o humor desenvolve prazer, senso crítico, funciona como meio de “interação” e não deve ser limitado, esse último, possivelmente, a única marca de posicionamento individual. Mas há uma adversidade nessa posição: ela não resolve a problematização proposta pela prova, pois considerar um leque tão aberto de possibilidades não é, necessariamente, a melhor forma de reforçar um argumento.

O texto possui poucos desvios da norma gramatical padrão, entretanto há alguns problemas relacionados à coerência textual. No terceiro parágrafo, por exemplo, o escrevente começa afirmando que “O controle do humor não é algo benéfico, por ser algo tão singular”. Fica difícil compreender por que uma singularidade não seria passível de controle e o texto não dá pistas para elucidação desse mistério. Não é possível entender a relação entre os elementos, pelo menos da forma como foram apresentados. Em seguida, ainda no mesmo parágrafo, o candidato demonstra não ter compreendido do que trata o controle ao afirmar que “uma lei” restringiria “o que pode ou não ser uma boa piada”. Ora, nenhum dos fragmentos sugere lei capaz de qualificar uma piada, mas à restrição ao teor das piadas, em especial as que podem denigrar a imagem das pessoas.

O escrevente domina as “receitas” escolares que norteiam a produção de uma “boa redação escolar” sob a ótica institucional, mas demonstra dificuldades na argumentação. Descortinam-se duas possibilidades: (i) o candidato é proficiente do ponto de vista argumentativo (portanto, dialoga com o código institucionalizado, conforme Corrêa (2004) – no caso, com os recursos linguísticos da argumentação), mas não está familiarizado com o tema e o tempo de leitura e escrita da prova apresentam-se como limitantes para que ele internalize adequadamente a proposta; ou (ii) o candidato está familiarizado com o tema (portanto, dialoga com o já falado/escrito, conforme Corrêa (2004)), mas, possivelmente, faltam-lhe práticas sociais que tenham como base o exercício da argumentação. De qualquer maneira, comparado ao escrevente da categoria anterior que busca artifícios para “burlar” o processo de escrita, esse demonstra um interesse em se posicionar criticamente, apesar de não obter êxito.

Parece haver consciência da importância do posicionamento enquanto sujeito crítico para a universidade, como demandam os próprios comandos da prova. A paráfrase funciona como instrumento dessa construção crítica, pois toma as palavras do outro como se fossem suas. No entanto, não acrescenta argumentos próprios, não desenvolve. O candidato apenas tenta se definir em relação à universidade, mas não o faz de fato.

A palavra não revela criticidade, mas a tentativa de ser crítico, ou seja, “serve de expressão a um em relação ao outro” (BAKHTIN, 2014, p.117). Conforme Bakhtin, poderíamos dizer que o candidato, com as palavras que formam a paráfrase, define-se em relação à universidade. Como ensina Bakhtin,

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade (BAKHTIN, 2014, p. 117).

### c. *Reflexão crítica*

A categoria reflexão crítica abarca as produções textuais cujos candidatos conseguiram compreender os textos-base e dialogar com eles de modo a utilizá-los como ponto de partida para reflexões próprias acerca do tema. Está nesta categoria o conjunto de textos que mais se aproxima de um artigo de opinião. 7 textos (8,6% das ocorrências) estão dentro dessa categoria. A criticidade, em maior ou menor grau, evidencia um leitor capaz de interagir com o texto a ponto de constituir sua própria marca a partir da elaboração de um novo enunciado.

São poucos os que atingem refinamento na escrita entre os aprovados para o curso de Letras. Nesse estudo, assumiu-se que em relação à argumentação, o candidato utilizou os textos-base apenas como ponto de partida para uma reflexão particular acerca do tema. Há, apesar disso, problemas na construção dos argumentos, mas percebe-se um traço autoral nas produções textuais. Um reflexo desse comportamento pode ser identificado no trecho seguinte:

Se ligarmos a TV a qualquer momento riremos daquele rapaz que está sendo humilhado, ou então nos divertiremos assistindo uma boa briga, planejada somente para nosso entretenimento. Isso é reflexo do humor imposto pela mídia, que recorre – em sua maioria – encima do sofrimento alheio.

No horário do almoço, as pessoas ligam suas TV's e observam os horrores do dia-a-dia, mas logo esse momento passa e é seguido por pessoas histéricas tentando ser engraçadas, o que neutraliza tudo o que foi visto antes. A mídia sempre dá um jeito suavizar problemas, às vezes até nos fazendo esquecer deles. Não é errado rir em meio às dificuldades, mas é errado fazer isso encima do sofrimento alheio.

O limite que deveria ser imposto no humor é esse: não rir do sofrimento alheio. Na televisão vemos todos os dias as pessoas sendo humilhadas e escarnecidas, apenas para garantir o Ibope de um programa, e o mais triste nisso é que o público gosta, gosta e aplaude de pé querendo mais. É como se as pessoas gostassem de uma boa tortura disfarçada de humor, de alguém que se deixou ser bobo por alguns trocados.

O que as pessoas deveriam entender é que há sim uma maneira de construir humor saudável [SIC], que satisfaça quem ri da piada e quem a faz. As pessoas só precisam buscar meios de conseguir isso e, talvez se algum dia isso vir a acontecer, pode ser que eu ligue a TV enquanto programas como “Balanço Geral” ou “A Fazenda” *passam* (REDAÇÃO LETRAS Nº 66).

A produção nº 66 foi construída em 26 linhas, sem título e com 4 parágrafos distribuídos entre 6 e 7 linhas. Há desvios da norma padrão, em especial nos casos de pontuação e na construção da expressão “em cima”, duas vezes escrita pelo autor como “encima”.

Ao contrário dos textos que ilustram as categorias anteriores, este apresenta um eixo pelo qual se desenvolve. Ao escolher o humor da mídia, em especial da televisão, como ponto central de sua crítica e pano de fundo contextual, o escrevente demonstra circular por práticas sociais de assistir à televisão, embrião do seu projeto textual, portanto, evidencia a circulação pelo já falado, conforme o terceiro eixo de circulação do escrevente postulado por Corrêa (2004). Ao apoiar-se no Fragmento 5 para se posicionar sobre o controle do humor e construir argumento crítico, o candidato evidencia a possibilidade de ter vivenciado práticas de argumentação – reais ou vicárias. Outro fato importante é que o escrevente demonstra claramente circular pela representação do código escrito institucionalizado (CORRÊA, 2004), tal como os outros textos também evidenciaram, de modo que reproduz o texto de acordo com a expectativa que pressupõe do leitor. Há, portanto, a constatação de que as “receitas prontas” oferecidas por muitos professores não são, em si, suficientes para a construção de um texto bem escrito. Essa constatação leva a crer que o sucesso, ainda que mínimo, no exercício da escrita, necessita de um vínculo com as práticas sociais não necessariamente escolarizadas.

No primeiro parágrafo, o escrevente recorta o modelo de humor sobre o qual argumentará: o humor “imposto pela mídia” e a forma como explora o “sofrimento alheio”. Essa escolha revela um estudante familiarizado com o gênero discursivo proposto e que entende a lógica de construção de um texto argumentativo, a importância de limitação do tema.

No parágrafo seguinte, recorta o tema novamente a partir da escolha de uma genérica programação de TV e demonstra como a mídia suaviza os problemas do cotidiano com humor ao focar no rebaixamento do outro, algo que o autor entende, mas não concorda.

No terceiro parágrafo, trata da problematização, posicionando-se a favor de um controle do humor que cause “sofrimento alheio”, expressão que ele repete nos dois parágrafos anteriores. Ele critica o gosto popular por humor de escárnio classificando-o como “tortura disfarçada”.

No parágrafo final, introduz a proposta de um “humor saudável”, mas não consegue apresentá-lo de maneira suficientemente clara, já que, ao caracterizá-lo como aquele que satisfaz “quem ri da piada e quem a faz”, engloba também o humor negro e de escárnio que o próprio autor abomina. A resposta aparenta estar em um tipo de humor oposto ao praticado nos programas “Balanço Geral” ou “A Fazenda”, mas o autor não nos dá maiores pistas no texto e pressupõe que o leitor presumido partilhe da mesma realidade, ou seja, que conheça o humor desses programas.

Diferentemente do analisado anteriormente, em que há tentativa de ser crítico tendo foco no que é esperado dele, neste caso o candidato parece convencido do seu pronunciamento. Então, elaborar uma paráfrase parece não ser suficiente. O candidato não está colado no outro, buscando “tecnicamente” mostrar uma criticidade. Parece haver de fato uma criticidade vinda de experiências televisivas. Além de se definir para o outro através da palavra, o *mundo interior do escrevente parece se adaptar às possibilidades de sua expressão*. Como destaca Bakhtin, [...] *não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis* (BAKHTIN, 2014, p. 122-123).

Sem mundo interior, não há criticidade. O mundo interior, por sua vez, é formado por outras experiências (não só escolares), nas diversas práticas sociais, na inter-relação com o *outro*.

#### d. *Acréscimo de novos elementos*

A categoria acréscimo de novos elementos acolhe textos que demonstram um diálogo que ultrapassa as fronteiras do tema central da redação e fragmentos textuais de apoio, constituindo-se artigos de opinião. São discursos que buscam, a partir do repertório pessoal do escrevente, novos elementos que se somam e colaboram decisivamente nessa construção dialógica. São textos com evidentes marcas autorais. Apenas dois textos com essas características foram produzidos pelos candidatos de Letras. Um deles é apresentado a seguir.

### RIR TODO TEMPO E SABER ONDE RIR

HA! HA! HA! Mas eu to rindo à toa, não é que a vida seja assim tão boa, mas um sorriso ajuda a melhorar”, esse é o trecho de uma música da banda Falamansa me leva a fazer algumas indagações: Será mesmo que o riso nos ajuda a ter uma vida melhor? E afinal, se o sorriso esboçado ou uma gargalhada possuem todos esses “poderes”, deve haver limites ao bom humor?

Estudos realizados por cientistas e psicanálises, com a finalidade de saber como funciona o cérebro e o organismo de uma pessoa que tem depressão, constataram baixa produção de endorfina. O que é endorfina? Quando estamos felizes o nosso cérebro produz uma substância chamada endorfina, uma vez produzida, ela é liberada para nosso organismo, nos dando a sensação de prazer e bem estar.

Pesquisas com essa me leva a acreditar na supremacia que tem a alegria no cotidiano das pessoas, principalmente nos dias atuais, uma sociedade que está sempre “correndo contra o tempo”, visando um bem estar econômico, esquecendo-se da importância que é ter paz de espírito, uma alegria enraizada, um bom humor diante das dificuldades; sendo assim, posso responder o questionamento acima indagado: Sim, o riso nos ajuda a ter uma vida melhor.

A alegria é um estado de espírito, que deve estar intrínseco em cada ser humano, nos ensinando a passar com bom humor diante das circunstâncias da vida, porém a maneira como é demonstrada deve ser diferenciada, dependendo do lugar em que se encontra. Em nossa sociedade existem regras, seja imposta pelo governo ou intituladas regras de etiqueta. Com essa linha de raciocínio que sigo, posso responder a segunda indagação feita no início do artigo: Não deve existir limite para o bom humor interior, porém, deve haver uma limitação da maneira como ele é demonstrado, dependendo do lugar em que se encontra.

Não podemos negar o quão importante é viver de maneira bem humorada e risonha, com a alegria e paz de espírito a vida torna-se mais leve para todos, auxiliando na saúde do indivíduo e no convívio com o próximo [SIC]. (REDAÇÃO LETRAS Nº 42).

O texto 42 foi produzido em 30 linhas. No limite, portanto. A letra é pequena e utiliza as linhas de margem a margem, evidenciando um autor que tem o que dizer. O texto apresenta problemas gramaticais, principalmente de concordância, inadequações ortográficas e alguns erros de acentuação, mas nada que prejudique a leitura.

Um dos méritos encontrados no texto é o de desenvolver aquilo que o título promete. O candidato delimita as fronteiras do argumento e trabalha dentro delas. No primeiro parágrafo, ele se vale de intertextualidade para contextualizar o que pretende dizer. É uma marca

interessante, pois o intertexto é coerente com a proposta e destaca a circulação por práticas sociais de experiência de vida, uma vez que partilha com o leitor uma música de significativa repercussão nacional. Além disso, revela um escrevente, aparentemente, à vontade com o tema proposto pela prova de redação a ponto de ousar. Nesse mesmo parágrafo, o candidato apresenta as indagações sobre as quais argumentará, ambas dentro da problematização proposta pela prova. Essas informações reforçam a ideia de que são as práticas sociais, no caso ouvir música, e não as “receitas escolares”, que movem o eixo pelo qual o escrevente circula.

No segundo parágrafo, embora não esteja presente em nenhum dos textos-base propostos, o escrevente introduz uma associação entre humor e “endorfina”, substância química produzida no cérebro e que é responsável pelas sensações de prazer. Novamente aqui, as práticas sociais se revelam como parte primordial da construção argumentativa do autor: o conhecimento sobre a endorfina pode ter se originado na escola, mas também em reportagens, documentários assistidos ou qualquer outro meio. O fato é que se trata de um saber adquirido por meio da vivência não necessariamente escolar.

Ainda que o autor tenha certa dificuldade em explicar o que é a substância e, por isso repita três vezes o seu nome, é um elemento interessante e que não pode ser desprezado, já que ele é ponto de partida para o argumento desenvolvido no parágrafo seguinte e que responde à primeira das perguntas propostas na introdução. Obviamente, o argumento poderia ser melhor trabalhado, pois o “bem estar econômico” aparece descolado da frase, mas é possível compreender a sua relação com a sociedade que está “correndo contra o tempo”.

O quarto parágrafo permite inferir que o escrevente queira dizer que existe hora e lugar para certos tipos de brincadeira, pois há um aspecto ético e moral a ser levado em consideração, mas a construção é confusa, truncada.

A conclusão cumpre sua função: conversa com os argumentos desenvolvidos e promove o desfecho do texto.

O texto é revelador de um escrevente que compreendeu a proposta de redação, já que consegue delimitar o tema desde o início. Há méritos nessa delimitação: é a partir dela que o autor “brinca” com intertextos e acrescenta seu próprio repertório à construção textual, reunindo elementos dialógicos sólidos e escapando da óbvia ponderação sobre os textos base. Demonstra, igualmente, que criticidade relaciona-se diretamente com práticas sociais. São elas, e não necessariamente a escolarização, que revelam o percurso da construção crítica do texto. O candidato demonstra domínio sobre o exercício da argumentação e não apenas do artefato linguístico. Conforme Bakhtin,

A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em consequência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o “conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social.

Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos (BAKHTIN, 2014, p. 121-122).

O texto bem escrito revela-se como uma mescla de experiências sociais (ouvir música, ler, etc.) somadas às práticas escolares. Parece ser a soma das práticas escolares às extraescolares a responsável por se atingir os objetivos de aprendizagem da escrita por meio de gêneros. Não é possível, na escola, ter como eixo de ensino de língua materna os gêneros discursivos, como defende os documentos oficiais, se as práticas sociais não emergirem no momento da produção.

O diálogo com os textos base da proposta parece acontecer de forma eficiente quando rodeado de repertórios diversos, provenientes de situações de vida, não escolarizadas e significativas. Reconhecer a atuação de tais situações no texto escrito, como contribui uma concepção dialógica de linguagem de Bakhtin (1929) significa adotar o modelo ideológico de letramento conforme Street (2006) que, como dissemos, coloca a escrita e sua aquisição dentro de dimensões sociais e históricas que constituem uma cultura e, por conseguinte, suas práticas sociais.

### **PALAVRAS FINAIS SOBRE REFLEXOS...**

O panorama apresentado a partir dos textos representantes de cada categoria, somado à experiência advinda da convivência com acadêmicos do curso de Letras de uma universidade pública do Mato Grosso do Sul, possibilitam a identificação de dois reflexos distintos para os textos dos candidatos aprovados. Um deles é a aprovação para ingresso na universidade. O texto que produziu na situação do vestibular fornece, conjuntamente com outras provas que compõe o vestibular, legitimidade para ser um professor em formação. Portanto, um reflexo muito positivo, mas que escamoteia problemas relacionados ao ensino da escrita.

O outro reflexo revela as dificuldades que surgem nas práticas de letramento acadêmico, ou seja, na falta de familiaridade com tais práticas, específicas do meio acadêmico. O fato de estarem aprovados pode levar muitos estudantes a considerarem que escrevem com certa proficiência. Dado o contexto apontado – estudantes da classe C e D – a aprovação no vestibular e a universidade pode ser fatos e locais de prestígio, “letrados”, frente a outras práticas de escrita pelas quais o escrevente circula em seu cotidiano. Mas deparam com o impacto de outros olhares: seus professores medeiam o olhar para o reflexo revelador das dificuldades na escrita provenientes da falta de fluência e/ou familiaridade com o gênero em foco. Dentro do quadro de categorização resultante da análise, apenas 11,1% dos textos atingem nível crítico em relação aos referenciais dados pela coletânea de texto da prova, com produções

contextualizadas, recortes temáticos dentro de limites bem definidos e argumentações que exploram o repertório individual do escrevente. A maioria das produções textuais, entretanto, não ultrapassa o nível parafrástico que dialoga superficialmente com os textos de apoio, permitindo apenas a reconstrução das mesmas ideias com novas palavras.

Os resultados obtidos apontam na direção de uma realidade comentada pelos docentes das Licenciaturas em geral: uma parte significativa de postulantes à docência no campo das linguagens não consegue atingir o nível crítico em uma produção textual. A contribuição do olhar que se coloca para esses resultados (e principalmente como se chegou a eles), entretanto, é que pode trazer rupturas no modo como é conduzido a produção escrita na escola e na universidade. Os textos não foram simplesmente classificados para chegarmos às categorias, de modo a exaltar pontos negativos – cada categoria se baseia no diálogo do estudante com práticas sociais diversas. Nesse sentido, não são analisados para diagnosticar problemas na estrutura da língua, mas para que se valorize o processo enunciativo. Reconhecer esse processo, é dar voz ao estudante, rompendo com a binaridade de “*quem sabe*” versus “*quem não sabe*”.

Embora as práticas, experimentações reais ou vicárias, sejam mais notáveis nos textos críticos, em razão de fundamentarem o posicionamento do escrevente ante a problemática proposta, nos textos desprovidos de reflexão mais profunda, elas também se fazem presente. São nesses últimos que algumas práticas sociais marcadamente escolares mostram-se atuantes: a preocupação em estabelecer pequenos blocos de parágrafos, cuidadosamente metrificadas e que correspondam à “receita pronta” de um texto argumentativo; o trabalho de “costura”, repetitivo e carente de reflexão que subtrai as informações explícitas de um texto e as transcreve para outro; uma conclusão que não conclui, mas que começa com um elemento conclusivo como o “portanto”. Todas essas práticas são aprendidas, vivenciadas na escola, por vezes, com boas notas e aprovações. A prova de redação reflete isso.

Por mais paradoxal que pareça, as práticas sociais escolarizadas que podem ter contribuído para constituir um estudante com lacunas na modalidade escrita da linguagem também, possivelmente, foram responsáveis por o conduzir às portas da universidade, tornando-o professor em formação. Reflexos de um espelho côncavo.

Diante desse espelho, pesquisas como esta, aqui exposta, que lidam com dados concretos/empíricos de escrita de comunidades locais, seja em nível de Iniciação Científica ou de pós-graduação, no campo aplicado dos estudos linguísticos, são importantes para a formação de docentes que ressignifiquem as práticas pedagógicas. Aos professores e pesquisadores (principalmente os das licenciaturas noturnas, que acolhem comunidades desprestigiadas economicamente) também se revela a importância de, no lugar de apontar as dificuldades (reforçando a hierarquização promovida pela relação binária do “saber” versus “não saber”), questionar: quais as histórias dos futuros professores os fazem apresentar a escrita que apresentam? Quais práticas acadêmicas poderão subsidiá-los para que produzam textos com (mais) qualidade?

Em tempos em que gestores governamentais despojam professores de seus traços de dignidade, ficar atento para os reflexos linguísticos da história (e da rede dialógica) da escrita daqueles que escolheram o magistério (ou “caíram” nele), contribuindo para que se deixe fluir suas vozes, torna-se uma agenda importante de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec. 2014 [1929], 203p.

CORRÊA, M. L. O modo heterogêneo de constituição da escrita. 2004, 309p.

STREET, B. 2006. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Filologia e Linguística Portuguesa* (8), 465-488.

Caderno de Redação do Processo Seletivo da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) 2014. UFGD – PSV-14, Caderno de redação 2014, p. 1. Em: [https://cs.ufgd.edu.br/download/Prova\\_Redacao\\_PSV-2014.pdf](https://cs.ufgd.edu.br/download/Prova_Redacao_PSV-2014.pdf). Acesso em: 11 out. 2021.

Recebido para publicação em: 16 abr. 2021.

Aceito para publicação em: 11 out. 2021.